



## **GT 37. Estudos em contextos do Sul Global: novos inimigos, novas possibilidades e a (in)sustentabilidade das perspectivas e das redes Sul-Sul**

### **Coordenador(es):**

Lívio Sansone (UFBA - Universidade Federal da Bahia)

Luena Nascimento Nunes Pereira (UFRRJ - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro)

O campo dos estudos em outras regiões do Sul Global já faz aproximadamente 20 anos no Brasil. O momento é, pois, maduro para uma avaliação deste campo de pesquisa, que tem atraído um conjunto de pesquisadores e questões que se manifestam em projetos de pesquisa, publicações e seminários e gerado um acúmulo de reflexões sobre as várias regiões do Sul Global (África, Ásia, Caribe, América Central e Meridional), desenvolvendo novas perspectivas comparativas e transnacionais e contribuindo para a internacionalização da pós-graduação em ciências humanas. Apesar da abertura de novas oportunidades de pesquisa e redes enfrentamos novos obstáculos proporcionados pela atual era dos extremos, que identifica a perspectiva Sul-Sul com um conjunto de políticas sociais progressistas. Tal cenário torna cada vez mais premente a importância de um diálogo qualificado sobre perspectivas, oportunidades, limites e desafios de um campo que passa a tomar expressão na antropologia feita no Brasil. O GT tem por objetivo reunir trabalhos desenvolvidos nos contextos acima mencionados promovendo a continuidade de um diálogo qualificado sobre pesquisas antropológicas. Apesar da ênfase na pesquisa etnográfica, o GT está aberto à interdisciplinaridade, pela importância do diálogo com historiadores e outros pesquisadores nas ciências humanas. Com esse objetivo, convidamos pesquisadores que abordem temáticas diversas que respondam aos inúmeros desafios da pesquisa sobre e estes contextos.

### **Relações humanitárias entre Brasil e Senegal: é possível falar em humanitarismo Sul-Sul?**

**Autoria:** Gilson José Rodrigues Junior (IFRN - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte)

É possível observar que, nos últimos dez anos, a atuação humanitária brasileira em contexto internacional tem extrapolado as ações estatais e se apresentado também por meio de agências humanitárias atuantes em outros países, predominantemente africanos. Nesse contexto, a reflexão aqui proposta tem seu início em 2014, ainda no início do doutorado, o qual se estendeu até 2019. Ali a pesquisa se dedicou a seguir as redes humanitárias de duas agências brasileiras ? extintas ainda durante o desenvolvimento do work de campo ? atuantes, respectivamente no Brasil e no Senegal. Tal work contribuiu com o aprofundamento das questões concernentes a um modus operandi humanitário, o qual, ainda que realizado por brasileiros, estava inevitavelmente calcado em um modelo estruturado na supremacia branca, fruto do próprio ideal hegemônico de modernidade e, conseqüentemente colonizador. Nesse sentido, pôde-se perceber que as próprias escolhas geopolíticas feitas pelas referidas agências, apontam para uma manutenção de desigualdades e reificação de hierarquias históricas, políticas, socioeconômicas, de gênero e raciais: as pessoas então assistidas em Tuparetama ? semiárido pernambucano ? e na periferia de Dakar, eram não apenas representadas a partir de histórias únicas de sofrimento, miséria e vulnerabilizações, como também eram predominantemente negras. Diante disto, observou-se que mesmo quando se trata de um país do chamado eixo Sul, como o Brasil, os agentes humanitários, suas regiões e estados de assim como suas escolhas revelam a manutenção do mesmo modelo. Com base nisso, vale salientar, que esta proposta se concentrará em pensar acerca da relação Brasil-Senegal, tendo como ponto de partida a atuação da agência



humanitária Fraternidade sem Fronteiras (FSF), que este ano, 2020, completa dez anos de atividades, e que no começo de 2017 iniciou suas ações em Dakar, em parceria estabelecida entre o Chemin du Futur ? instituição senegalesa fundada por uma das agências já extintas, o Chemin des Nations. Neste sentido, cabe compreender não apenas as motivações, interações e consequências deste contato, mas as próprias estratégias de negociações estabelecidas entre os senegaleses ? não apenas os garotos, mas também empregados da instituição e sua rede de apoio ? e estes novos parceiros brasileiros. Até o presente momento, foi desenvolvido o conceito de corpos-não-modernos para se referir aos grupos escolhidos pelas agências humanitárias como um todo, em geral não brancos, os quais são escolhidos enquanto estes corpos em sofrimento que precisam de ajuda. Diante da atuação da FSF pretende-se pensar até aonde as questões até aqui levantadas permanecem, ou podem ser pensadas por meio de outras perspectivas.



## Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

### Realização:



### Apoio:



### Organização: